



Entrevista com Marie-Ève Thérenty

Entrevistadores¹

VERGARA, Anelize
COSTRUBA, Deivid Aparecido
TRIZOTTI, Patrícia Trindade

A revista *Faces da História* apresenta em seu primeiro número entrevista a professora francesa Marie-Ève Thérenty, diretora do grupo de estudos RIRRA21 – *Représenter, Inventer la Réalité du Romantisme à L’Aube du XIX siècle*, da Universidade Paul Valéry III em Montpellier. Estudiosa das relações entre imprensa e literatura, Thérenty relatou nesta breve conversa, sua trajetória intelectual e suas preocupações como pesquisadora e especialista da literatura do século XIX, e opinou sobre a situação atual dos intelectuais e das universidades francesas.

A contribuição da professora Thérenty é de suma importância diante do conjunto de estudos que se debruçam de alguma forma na imprensa, apresentados neste número inaugural. Nota-se que a trajetória intelectual da professora é permeada por formações diversas e análises que privilegiam não somente o texto bruto publicado num veículo midiático, mas na dinâmica que envolve estes suportes, tão caros aos estudos da história, seja como fonte primária ou objeto.

Trabalhos como *La Littérature au quotidien, poétiques journalistiques au XIXe siècle* (2007) e *1836, L’an I de l’ère médiatique, analyse littéraire et historique de La Presse de Girardin* (2001) demonstram investigação detida as relações entre imprensa e literatura, além de oferecerem alternativas metodológicas para questões como a poética dos suportes e os imaginários mediáticos. Ademais, a obra de folêgo *La civilisation du journal Histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIXe siècle* (2007) na qual ajudou a organizar, aborda aspectos da história cultural e literária francesas que merecem a atenção dos pesquisadores brasileiros e que ainda carece de tradução para o português.

Espera-se que esta entrevista instigue novas problemáticas, além de aproximar pesquisadores brasileiros com os estudos do além-mar.

¹ A entrevista, realizada entre janeiro e abril de 2014, foi elaborada a partir de perguntas sugeridas pelo conselho editorial da revista *Faces da História*

Para começar, a senhora poderia falar um pouco sobre sua trajetória profissional e destacar como decidiu estudar a literatura e a imprensa do século XIX?

Durante certo tempo, hesitei entre vários caminhos, particularmente entre o jornalismo e a ação cultural. Eu tenho, portanto, uma trajetória universitária clássica literária (estudei letras modernas na *École Normale Supérieure/ENS* e fiz doutorado em literatura francesa). Mas eu também sou formada pelo *Institut d'études politiques de Paris* (IEP) com uma especialização em história e em ciências da informação e comunicação. Eu comecei minha carreira como *chargée de mission* na *Réunion des musées nationaux* e depois no estabelecimento público que construiu a *Bibliothèque nationale de France*. Eu redigia o discurso do presidente desse estabelecimento e cuidava da comunicação interna. Ao mesmo tempo, eu era polígrafa e *nègre*² para várias editoras. Eu vejo uma relação entre essa prática de escrita plural e meu interesse pelos escritores, sobre a ótica de suas produções mais desvalorizadas pela crítica e suas obras jornalísticas.

Bem, eu tinha começado uma tese sobre teatro contemporâneo. Mas eu venho de uma família de intelectuais e com a morte do meu avô em 1993 que era jornalista, escritor e especialista no século XIX, eu me dei conta que eu queria trabalhar com esse século, a título de homenagem, talvez. Eu percebi também que fazer pesquisa em jornalismo era mais conveniente do que eu mesma ser jornalista. Eu então abandonei a minha primeira tese e me lancei em um doutorado sobre as relações entre imprensa e romance no século XIX.

Na mesma época, eu quase que por acaso, estava à frente de uma classe numa escola e percebi que amava ensinar. Eu então terminei minha tese na universidade, já como professora temporária de ensino e pesquisa. A partir desse momento, meu percurso foi menos sinuoso, mais tradicional. Desde o fim da tese em 2000, eu fui contratada pela Universidade de Montpellier III como *maître de conférences*³ e onde me tornei professora em 2007. Eu tive a sorte desde minha contratação, de poder dirigir um programa e uma equipe sobre imprensa.

Quais são os principais campos de investigação na França em relação aos estudos de imprensa e literatura ?

Durante muito tempo, a imprensa foi um domínio reservado aos historiadores políticos. Os precursores literários nos estudos das relações entre imprensa e literatura eram

² A palavra se refere ao *Nègre littéraire*, ou seja, ao escritor « fantasma », aquele que escreve ou reescreve determinados textos, mas é outro autor que o assina, geralmente alguém famoso.

³ Espécie de palestrante.



voltados para o século XVIII como Jean Sgard, Pierre Retat et Claude Labrosse, que fizeram um importante trabalho de análise da imprensa, cujo maior destaque é o *Dictionnaire des journalistes – Gazettes européennes du XVIII^e siècle* e o *Dictionnaire des journaux*. Muitas obras monográficas são voltadas aos autores a fim de reeditar *corpus* inéditos e para explorar as práticas dos escritores-jornalistas. Essas edições são incluídas seja no âmbito de obras completas (Barbey d'Aurevilly, Nodier, Sand) ou em coleções de bolso como Garnier-Flammarion que lançou sua coleção das antologias dos escritores-jornalistas. E depois, há claro os grandes trabalhos em história literária da imprensa que foram iniciados pelos literários de Montpellier, particularmente associados aos historiadores da cultura. O objetivo era se concentrar em todos os jornais, considerando que tudo que foi escrito na imprensa podia ser relevante aos estudos de poética tradicionalmente inseridos nas obras, pelo estudo de outras formas genéricas. Em outros termos, tentou-se fazer a história do jornal como outros fizeram a história do romance ou do verso silábico. Em 2011, cerca de sessenta pesquisadores se reuniram e publicaram uma obra enciclopédica chamada *La Civilisation du Journal, histoire littéraire et culturelle de la presse française au XIX^e siècle*, organizada por Dominique Kalifa, Philippe Régnier, Alain Vaillant e eu mesma. Mas ainda há muitos domínios a serem explorados, principalmente no século XX, onde as interações entre imprensa e literatura são ainda importantes. É preciso abrir os dossiês dos hebdomedários políticos e literários dos anos 30 (*Candide, Marianne, Gringoire, Voilà, Détective, Vu*), explorar a *l'école Paris-Soir* com suas ramificações como *Elle*. É necessário se voltar para alguns espaços jornalísticos específicos dos anos 70 como o *Libération* ou *L'Autre journal*, e trabalhar com figuras excepcionais como Pierre Lazareff, Françoise Giroud ou Marguerite Duras.

No que se deve estar atento, quando pesquisamos nos domínios da literatura e imprensa ?

É preciso tomar cuidado com os suportes e constantemente retornar as primeiras mídias. Muitos trabalhos sobre o jornalismo são apenas análises puramente textuais, que se tornaram possíveis a partir de antologias de artigos recolhidos. É preciso pensar na poética do suporte e portanto, se organizar para achar os originais, o que é as vezes é difícil, sobretudo, para os periódicos do século XX que não são numerados e tão pouco conservados nas bibliotecas. Paradoxalmente, em muitos países, a imprensa do XIX é muito mais acessível, já que ela é disponibilizada na internet pelas bibliotecas nacionais ao passo que as questões de direito e de propriedade literária impedem a mesma prática com a imprensa do século XX. Considerar a página original do jornal é essencial, é preciso estar



atento com o lugar dos textos no jornal, a escolha da rúbrica, sua orientação política, sua periodicidade...deve-se constantemente também se colocar na história, seja política, cultural e social, na história da imprensa, na história das transferências.

Numerosas obras foram consagradas no Brasil e em outros países a história da imprensa, mais ao mesmo tempo, sabe-se que houve uma resistência em utilizar os jornais e as revistas para escrever a história em si. Na França, quais foram as obras pioneiras que mudaram esse panorama?

Eu acho que estamos efetivamente num período de mutação que foi sem dúvida iniciado por alguns pioneiros da história das representações. Ao mesmo tempo, muitos cronistas do século XIX à semelhança de Jules Claretie pretendiam fazer a história do presente. E mesmo ainda no século XX, quando Joseph Kessel reeditou a partir de 1969 o conjunto de suas reportagens sob o título de *Témoin parmi les hommes*, na qual ele considera que o jornalista é um historiador em potencial. Na França, a obra *La Civilisation du Journal* propõe estudar uma história cultural da imprensa, ou seja, de ver como o desenvolvimento do jornal (e da leitura periódica em geral), em razão do caráter massivo de sua produção, de sua difusão e dos ritmos novos que ele impôs ao curso natural das coisas, tendeu a modificar o conjunto das atividades (sociais, econômicas, políticas, culturais etc) e de representações do mundo projetadas numa cultura, e mesmo numa « civilização » de periodicidade e de fluxo midiático. E foi no coração do século XIX que esse processo iniciado muito antes, mas acelerado então pelas transformações econômicas e pelo papel econômico cujo jornal era portador, achou as condições de sua realização na França. Concluída de forma abrangente no início da Primeira Guerra Mundial, essa inserção do país num meio regido pela escrita e pela leitura periódica constitui uma mutação antropológica maior, em que estão as fontes da nossa modernidade midiática e que é preciso estudar como tal, em todas suas consequências, em toda sua amplitude. *La Civilisation du Journal* é uma obra relativamente recente e propõe estudar o arquivo do jornal não apenas como um documento histórico mas também como um documento na história.

178

A literatura francesa, sobretudo do século XIX, é muito conhecida no mundo todo e dela fazem parte nomes como Alexandre Dumas, Émile Zola, Honoré de Balzac, Victor Hugo, Jules Verne etc. Para senhora atualmente, quem são os escritores mais reconhecidos na França?



Na França, me parece que há duas vias de acesso à posteridade. Os autores mais conhecidos são aqueles que foram institucionalizados e que desfrutaram de uma boa imagem junto do grande público advindo da escola primária e de ensino secundário, e ainda os que foram veiculados nas adaptações televisivas e cinematográficas, em numerosas edições de todos os formatos desde a edição científica até a *Digest* e mesmo no uso de antonomásia (um grande Balzac, um bom Zola). São grandes romancistas como Jules Verne, Honore de Balzac ou Alexandre Dumas. Os mais conhecidos são aqueles que marcaram a história do país: Victor Hugo por seu exílio e a oposição à Napoleão III, Emile Zola por seu artigo *J'accuse...* A Universidade acrescentou junto a esses citados, outros nomes de escritores mais difíceis como Flaubert e Baudelaire que possuem grupos de pesquisas a seu respeito. O panteão universitário, portanto, não coincide sempre com o panteão popular. Os autores mais reconhecidos são aqueles que conseguem fazer parte dos dois panteões. Eu diria que para o século XIX são Hugo, Zola e Balzac...

Em relação ao campo teórico, qual é o método seguido pela senhora em suas pesquisas?

179

Eu tenho uma formação diversificada e se devo mencionar três professores que me marcaram, eu citaria Philippe Hamon pelos seus trabalhos de poética, Jacques Dubois, o grande universitário nascido em Liège, por seu trabalho sobre a instituição da literatura e evidentemente Marc Angenot por sua definição de discurso social. Eu considero sempre o fato literário no seu contexto de produção e eu não hierarquizo os autores *a priori*. Qual é minha contribuição específica em relação a esses professores, se eu realmente tiver uma? Eu me foco na poética histórica do suporte, ou seja, eu sempre estudo as obras no seu ambiente de difusão, pressupondo que o texto guarda traços do imaginário editorial de produção, das negociações editoriais que marcaram seu nascimento. É nesse âmbito que eu conduzo meus trabalhos sobre a imprensa, ampliando os estudos sobre outros suportes (livro, coletâneas, blog) numa obra que eu estou preparando sobre a poética do suporte.

O cineasta Roman Polanski divulgou recentemente que fará um filme sobre a história de Alfred Dreyfus, que dividiu a opinião francesa em 1894, em dois grupos: os *dreyfusards* e os *anti-dreyfusards*. A professora considera viável fazer um filme sobre esse episódio a partir da perspectiva de Polanski? Atualmente ainda existe alguma repercussão do caso Dreyfus entre os intelectuais franceses?



O caso Dreyfus estruturou profundamente a sociedade francesa e a modificou de maneira considerável. A ideia de que o escritor ou o pensador está habilitado a intervir no campo político, de modo engajado e legítimo ou não, vem desse momento e a sociedade francesa continua a viver sobre esse regime, já que os intelectuais intervêm regularmente no debate público como aconteceu recentemente com as questões da permissão do casamento para todos ou da penalização dos clientes das prostitutas. Eu acho que o caso Dreyfus mostrou a força do antissemitismo primário na França, latente já há séculos e muitos intelectuais aproveitaram essa ocasião, como a jornalista Séverine⁴, para descobrir seus preconceitos e sua *mea culpa*. Mesmo se a sociedade francesa continua ameaçada pelo antissemitismo e pelo racismo, suas elites são desde então extremamente atentas à possíveis desvios. É o caso do penoso debate acerca do humorista antissemita Dieudonné nos dias de hoje⁵. O Estado francês, país cuja máxima é a liberdade de expressão, criou um arsenal jurídico para acabar com os espetáculos que ameaçavam a ordem pública. Sim, nossa sociedade tem ainda um forte traço desse acontecimento fundador que também estruturou a relação esquerda/direita.

Em 2012, aconteceu o *Festival International des Écrits de Femmes*, na qual a professora apresentou o trabalho “Le journalisme d’identification: de Séverine à Florence Aubenas”. A senhora poderia explicar aos pesquisadores brasileiros do que se trata o conceito “jornalismo de identificação”? Em sua opinião, quais são as jornalistas francesas mais marcantes da história da imprensa na França?

180

O *journalisme d’identification* é uma forma de jornalismo de imersão. Trata-se de se disfarçar e se infiltrar no meio onde se vai fazer as investigações. Séverine se disfarçou de operária numa usina de açúcar durante uma greve, enquanto Maryse Choisy fingiu ser uma prostituta para explorar os bordéis em 1929. Florence Aubenas, uma jornalista contemporânea escolheu ir para uma cidade no norte assolada pelo desemprego, refez seu *curriculum vitae* para se apresentar como uma mulher sem diploma, qualificação ou experiência e procurar trabalho por seis meses. Muitas mulheres praticaram na história essa modalidade de jornalismo, o que lhes permitiu fazer investigações em certos ambientes sociais hostis nos quais a grande reportagem era impossível de ser feita.

⁴ Nome pela qual ficou conhecida a francesa Caroline Remy (1855-1929), que além de jornalista, também era escritora e militante dos movimentos feminista e libertário.

⁵ Em 2013, o Ministério do Interior francês começou uma ação para proibir que os espetáculos encenados pelo comediante Dieudonné continuassem a acontecer, já que neles o humorista fazia observações racistas e antissemitas. Em novembro de 2013, Dieudonné foi condenado a pagar 28 mil euros de multa por difamação, calúnia e incitamento ao ódio e à discriminação racial por vídeos difundidos na internet.



Mesmo se o jornalismo foi durante muito tempo um domínio difícil para as mulheres ascenderem, já que não tinham acesso as colunas políticas do jornal e não poderiam investigar na rua ou nos espaços longínquos e mesmo se as histórias tradicionais da imprensa reservavam a elas a parte congruente, é certo que algumas mulheres de maneira excepcional conseguiram espaço para escrever nos jornais marcando assim o jornalismo francês. Delphine de Girardin inventou a crônica parisiense em 1836, modelo jornalístico que foi muito retomado durante um século e meio. Séverine e outras « rebeldes » acentuaram a tendência de fazer reportagens baseadas na observação do sujeito. Marguerite Duras reagiu com violência a uma espécie de autocensura que reinou na maioria dos jornais depois da Segunda Guerra Mundial : em nome da objetividade, era preciso dali em diante evitar qualquer tipo de literarização da escrita. O artigo agressivo e escandaloso de Duras foi publicado em 17 de julho de 1985 no jornal *Libération* com o título « Sublime, forcément sublime, Christine V. » e foi uma forma de manifesto em prol do retorno do jornalismo literário sobre o modelo do *new journalism* americano.

Nas universidades brasileiras, há uma forte tradição da historiografia francesa. Na França, existe algum pesquisador brasileiro que é bem conhecido por todos ?

181

Essa questão nos remete ao problema da tradução das obras científicas. Ela ainda é insuficiente e a grande maioria dos historiadores brasileiros não foram traduzidos na França, do mesmo modo que um dos grandes críticos literários brasileiros, Antonio Candido, não tem sua obra conhecida por aqui. As obras de dois nomes da historiografia brasileira que eu posso citar datam dos anos 30 : é a de Gilberto Freyre, sociólogo, autor de *Maîtres et esclaves (Casa grande & senzala, 1933)* e Sérgio Buarque de Hollanda, historiador e crítico literário, autor de *Racines du Brésil (Raízes do Brasil, 1936)*. Os historiadores que se interessaram pelo Brasil que eu conheço são, portanto, franceses : F. Braudel, C. Lévy-Strauss, Roger Bastide, Denis Rolland ou Serge Gruzinski.

Em relação à educação e a pesquisa científica francesa, qual é sua opinião sobre a política desenvolvida pelos dois últimos presidentes: Nicolas Sarkozy e François Hollande?

É uma questão delicada, mas eu não vou me esquivar da pergunta. A França não está muito bem classificada nos rankings internacionais. Isso não se deve, na minha opinião, à qualidade intrínseca dos professores/pesquisadores, mais a outros dois fatores, um



estrutural: a fraca concentração ainda hoje de instituições de ensino universitário que não atingem os critérios de visibilidade internacional de um lado (eu não tenho certeza se devemos nos curvar a essas normas globais) e de outro, faltam recursos destinados ao ensino público. O modelo universitário francês apresenta muitos problemas e as medidas tomadas pelo ministro Pécresse e depois por Geneviève Fioraso, agravaram mais ainda a situação. A LRU (lei sobre as universidades) deu uma forma de autonomia fictícia as universidades e reduziu drasticamente os seus recursos. Nós perdemos os benefícios de uma centralização, sem ganhar liberdade e a autonomia em contrapartida. As Universidades que possuem as chamadas « ciências duras » recorrem frequentemente a investidores privados para aliviar o descaso do Estado. Nas universidades que possuem ciências humanas e sociais, esses recursos não são nem possíveis e talvez nem desejáveis. O governo de Hollande que imaginávamos mais sensível em relação a aflição da comunidade intelectual e universitária e que tinha colocado a juventude no centro de sua campanha, longe de seguir essa política, acentuou alguns dos problemas. Numerosas universidades na França tiveram que congelar os cargos ou reduzir a oferta de vagas. Os centros de pesquisa também foram atingidos, assim como o financiamento dos alunos doutorandos.

182

Por fim, a senhora no momento está pesquisando algum tema em particular ou preparando algum livro para ser lançado?

Eu sempre estou a frente de vários trabalhos ao mesmo tempo. Alguns são coletivos, organizados com a minha equipe em Montpellier e particularmente com meus doutorandos. No momento eu estou finalizando um projeto em grupo sobre os mistérios urbanos no mundo, cujos resultados estão disponíveis num site na internet chamado *Médias 19*.⁶ Eu coordeno também um projeto sobre a imprensa francófona com Micheline Cambron (Université de Montréal) e Paul Aron (ULB). Nós tentamos durante três anos estudar a representação de cada sistema de imprensa em três acontecimentos. Esse ano, nosso foco foi a representação da imprensa francesa no JO⁷ de Berlim, em 1936. Eu tenho igualmente um parceiro privilegiado na plataforma *Médias 19*, Guillaume Pinson e nós lançaremos um grande dicionário dos jornalistas do século XIX. No que tange a projeto pessoais, eu tenho dois : estou finalizando um livro sobre mulheres jornalistas, que cobre desde Delphine de Girardin à Florence Aubenas e também uma outra obra, mais teórica e menos histórica, na qual já trabalho há anos, que trata da poética do suporte.

⁶ Disponível em: <<http://www.medias19.org/>>. Acesso em 29/06/2014.

⁷ Jogos Olímpicos de Berlim.

